

Ensinar e pesquisar. Tradução em contextos dessemelhantes: processos e diálogos

Teaching and researching translation in dissimilar contexts:
processes and dialogues

Luciana Montemezzo
UFSM (Brasil)
lucesfm@gmail.com

Data de recepção do artigo: 09-06-2020

Data de aceitação do artigo: 23-07-2020

Resumo

Este trabalho propõe o relato de experiências pedagógicas na área de Tradução, em dois contextos socioeducativos muito diferentes. De um lado, atividades de tradução literária realizadas no âmbito do curso de Letras (habilitação em Espanhol e suas respectivas Literaturas), na Universidade Federal de Santa Maria, sul do Brasil. De outro, tarefas de tradução pedagógica realizadas com os alunos de Língua Portuguesa da Facultad de Traducción e Interpretación da Universidad de Granada, Espanha. As atividades – das quais se apresentam resultados – foram realizadas a partir de relatos infanto-juvenis do autor brasileiro Erico Verissimo (1905-1975), segundo os pressupostos teóricos de Moya (1993), De Arriba García (1996), Igareda (2011) Monteiro-Plantin (2012), Pintado (2012), Franco-Axeilá (2013), García Benito (2019), entre outros.

Palavras-chave: Tradução Pedagógica. Literatura Brasileira. Tradução Literária.

Abstract

This work proposes the report of pedagogical experiences in translation, in two quite different socio-educational contexts. On one hand, literary translation activities carried out within the scope of the Language course (qualification in Spanish and its respective Literatures), at Federal University of Santa Maria, southern Brazil. On the other hand, pedagogical translation tasks carried out with Portuguese language students at Facultad de Traducción e Interpretación at Universidad de Granada, Spain. The activities of which results are presented were

carried out based on children and youth stories by the Brazilian author Erico Verissimo (1905-1975), according to the theoretical assumptions of Moya (1993), De Arriba García (1996), Igareda (2011) Monteiro-Plantin (2012), Pintado (2012), Franco-Axeilá (2013), García Benito (2019), among others.

Keywords: Pedagogical translation – Brazilian literature – Literary translation.

Introdução

Como docente de um curso de formação de professores no sul do Brasil, venho trabalhando com ensino de Tradução há mais de duas décadas. Embora o curso prepare alunos para o ensino em nível secundário, sempre houve interesse por pesquisas em Tradução¹. Inúmeros foram os trabalhos de conclusão de curso (TCC) orientados sobre o tema ao longo desses anos. Parte deste interesse é derivado da existência de uma única disciplina que une teoria e práticas tradutórias e que, de forma rudimentar, devido à exiguidade de tempo, apresenta aos alunos os principais conceitos e os inicia em exercícios de tradução. Além disso, a existência do grupo de estudos *Traducere* fomenta a pesquisa desde 2008. O objetivo principal do grupo é iniciar os alunos nas reflexões sobre a Tradução como área de conhecimento acadêmico. Consideram-se, para tanto, não apenas a prática tradutória, mas também as reflexões teóricas².

Por outro lado, como pesquisadora, tive a oportunidade a partir de 2016 de trabalhar junto à equipe de Língua Portuguesa da Facultad de Traducción e Interpretación da Universidad de Granada (UGR), onde realizei estágio pós-doutoral (2019). Nessas ocasiões, pude interagir com os alunos e trabalhei com eles, com textos similares àqueles que trabalho no Brasil, no entanto com diferentes objetivos.

Em 2019, organizamos uma oficina de Português do Brasil para os estudantes de Português Língua Estrangeira (PLE) e realizamos

¹ A maiúscula refere-se, como pressuposto, estritamente à disciplina e sua área de conhecimento.

² Tal perspectiva compreende que o ato tradutório deve reunir prática e teoria de modo indissociável. Embora a participação dos alunos no referido grupo seja voluntária, sempre há um número considerável de estudantes interessados no assunto. Nosso mais recente trabalho foi a versão para o espanhol peninsular de alguns relatos infantis do autor gaúcho Erico Verissimo (1905-1975).

exercícios de Tradução Pedagógica a partir do conto *Os três porquinhos pobres*, também de Erico Verissimo. O objetivo da atividade era desenvolver a competência cultural em PLE.

A partir dessas duas atividades similares, foi possível observar as diferenças de resultados, levando em conta, claro, os contextos em que cada curso está inserido. O objetivo na UFSM era realizar uma atividade para iniciar os estudantes na prática da tradução literária. Já na UGR o objetivo foi usar a Tradução Pedagógica como ferramenta para o ensino da Língua Portuguesa, nomeadamente para analisar elementos linguísticos e culturais da variante do Português do Brasil.

Diante do exposto, este trabalho apresenta alguns dos resultados obtidos a partir das experiências realizadas nos dois contextos socioeducativos, com o objetivo de contribuir para a pesquisa em Didática da Língua Portuguesa por intermédio da Tradução Pedagógica. Considerando o campo específico da Literatura, também apresenta alguns aspectos que contemplam as diferenças da didática da tradução literária profissional e da tradução pedagógica.

1. Tradução literária e Tradução pedagógica

Evidentemente o trabalho com a tradução literária é distinto do enfoque pedagógico. Ainda assim a primeira pode servir de paradigma para o segundo, posto que o processo de pesquisa em tradução literária pode ser muito útil para o futuro tradutor. Não apenas porque contribuirá para sua documentação e para sua prática, mas porque pode, eventualmente, acrescentar informações sobre a cultura e a língua meta:

(...) la traducción de un texto marcado culturalmente, como puede ser un texto literario –los fragmentos de textos literarios que hemos mostrado– o fílmico –la creación de subtítulos– en los que lo que interesa no es el nivel lingüístico de los estudiantes, sino su capacidad para reformular un contenido textual de un sistema a otro, pensando en el proceso de investigación y en las diferencias entre los dos sistemas, más que en la cuestión meramente lingüística. (García Benito 2018: 227)

Dito de outro modo, mais vale o interesse genuíno pelo trabalho do que propriamente o nível de conhecimento linguístico do aluno. Se até certo tempo isto poderia ser considerado um obstáculo para sua inserção em atividades que envolvessem tradução, atualmente esta não

é mais uma condição *sine qua non*. Mais do que isso, já é possível afirmar que há uma espécie de consenso de que traduzir pode constituir um estímulo à aprendizagem de um novo idioma, uma vez que, por meio dela, unem-se várias outras disciplinas.

La traducción es una quinta destreza cuya enseñanza y aprendizaje ha de sumarse a la de las otras cuatro (leer, escribir, escuchar y hablar) como propone Stibbard (1998: 71). (...) A su vez, una de las razones por las que no se toman en cuenta los diferentes factores comunicativos de la traducción, radica en la falta de un enfoque interdisciplinario (una especie de síntesis de las disciplinas lingüística, social y cognitiva) que provea una descripción adecuada de dichos factores. Entendemos, por lo tanto, que podemos establecer una identificación entre el vacío interactivo y la dimensión no comunicativa de la traducción, en este caso aplicada a la enseñanza de L2. (Pintado 2012: 326)

Quando somamos a toda essa gama de disciplinas e conhecimentos os estudos literários, é possível acrescentar mais informações à bagagem cultural do discente. Certamente este é um enorme desafio, já que vivemos em um mundo paradoxal que, ao mesmo tempo em que está ligado em rede, costuma compartimentar os saberes. Mas uma vez superado o desafio inicial, os resultados podem ser surpreendentes:

Toda tradução literária é uma das possíveis versões de um texto original. Assim, sendo o novo texto, é ainda um texto anterior. (...) Dessa forma, o texto traduzido remete constantemente ao anterior e se converte em seu 'outro'. (...) a questão fundamental proposta pela tradução literária é a alteridade e não a semelhança. Não cabe ao texto traduzido ser idêntico, como reprodução fiel do texto primeiro, mas deve ser a concretização de uma das possibilidades que aquele determinado texto tinha de ser. Poderíamos dizer, então, que cada texto traz em si as suas possíveis traduções. (Carvalho 2003: 227)

Embora reconheçamos a importância dos estudos supracitados para a inserção, no Brasil, dos Estudos de Tradução no campo da Literatura, com o prestígio que ora merecem, é necessário ressaltar que o emprego de termos como "reprodução fiel" e "texto original" estavam inseridos em um momento de revisão conceitual. Uma leitura atenta do texto em questão aponta para a mudança que, em breve acontecerá e, para a qual, os estudos e pesquisas capitaneados pela eminente professora e pesquisadora Carvalho foram fundamentais. Mesmo assim,

é importante salientar a modalização dos dois principais termos por ela referidos: *original e fidelidade*³.

O primeiro precisa ser entendido, nos dias de hoje, apenas como cronologia: é aquele que veio antes e que, portanto, originou – ou origina – novos textos (suas traduções). No mesmo sentido, a tão almejada fidelidade – e que na maioria das vezes não encontra sequer um único destinatário objetivo (autor, leitor, editor, por exemplo) – pode ser substituída pela noção de ética profissional. O tradutor, muito mais do que almejar ser fiel – o que às vezes pressupõe uma metodologia de trabalho que, devido à inexperiência profissional ou até mesmo à falta de critérios teóricos, pode confundir-se com tradução palavra por palavra – precisa ser ético: olhar com respeito para todos os elos da cadeia comunicacional que envolve o processo tradutório.

Sobre a ética profissional, assevera Sabio (2017: 148) que os conhecimentos teóricos costumam ser de grande valia. Segundo ele, a união entre teoria e prática permite escolhas mais conscientes – às quais denominamos, doravante, critérios de tradução – que, ao fim e ao cabo “tiene que ver con las elecciones que hacen los traductores pero también con la responsabilidad y el compromiso que adquieren ante su trabajo.”

Dito isto, voltemos à atividade tradutória a partir de textos literários: é recomendável, inicialmente, uma leitura exegética do texto que será traduzido. Nesse aspecto, o professor poderá conduzir os trabalhos a partir de sua experiência, sugerindo que, ao ler, os alunos estejam atentos para palavras e/ou expressões/ usos de linguagem desconhecidos ou estranhos àqueles anteriormente estudados. Ainda que saibamos que as verdadeiras dificuldades tradutórias surgirão na prática, é importante que o aluno olhe para o texto, desde o início, com olhos de profissional: aquele olhar que busca algo mais do que um mero leitor faria.

Cumprida a primeira etapa de interpretação da obra, o passo seguinte será buscar informações sobre ela, o que inclui seu contexto de produção, além da biografia de seu autor. Estes movimentos iniciais e aparentemente muito incipientes podem vir a ser bastante úteis no futuro ou, até mesmo mais adiante, caso o discente opte pela carreira de tradutor literário. Unir o conhecimento linguístico ao literário pode ser uma excelente alternativa, em aula de L2.

³ Os itálicos são nossos e dizem respeito à necessidade de questionar os conceitos, segundo a historicidade a que se vincula o texto mencionado.

Como sabemos, la traducción implica un tipo especial de competencia comunicativa. Si la competencia comunicativa es un elemento importante de la competencia de traducción, esto significa que los futuros traductores así como los aprendices de una L2 necesitan, no solo aprenderla, sino adquirirla. Si los estudiantes se centran en la propia acción comunicativa, dejarán de prestar atención al producto en sí y a la relación entre los extractos del material lingüístico. Esto a su vez significa que se fuerza a los estudiantes a ser cada vez más independientes y activos en los actos de traducción. (Pintado 2012: 328)

Tendo em vista tal panorama, o futuro tradutor literário tem de reconhecer as especificidades de seu trabalho, buscar *afinar-se*⁴ com o autor a ser traduzido, aprofundar-se nos conhecimentos sobre o período de que trata a obra, enfim, cercar-se de todo tipo de informação e documentação sobre o seu objeto de trabalho. Mas, nestes aspectos, podemos dizer que não há muitas diferenças entre o trabalho dos tradutores literários e os seus demais colegas, que se dedicam a outros gêneros textuais. Então, o que os diferenciaria de fato dos demais profissionais da área?

Em palavras de Antunes: “a tradução é uma forma privilegiada de leitura, na medida em que o tradutor deve penetrar profundamente no texto, analisá-lo, criticá-lo, para depois proceder à sua recriação”. (Antunes 1991: 6) Sob tal ponto de vista, a palavra-chave parece ser “recriação”⁵, ou seja, a oportunidade de trabalhar com um pouco mais de imaginação. Isto não é permitido, por exemplo, ao tradutor técnico e muito menos ao jurídico. Seria uma espécie de “liberdade vigiada”: é possível – e às vezes até aconselhável – recriar, mas sempre que se mantenham critérios severos de seleção que remetam ao texto de partida.

⁴ Grifo meu, para ressaltar a sintonia desejável entre tradutor e obra-autor a serem traduzidos.

⁵ Sobre “recriação”, muito nos disse o célebre estudo de Haroldo de Campos e Octavio Paz, *Transblanco: em torno a Blanco de Octavio Paz* (1986). Praticamente um tratado sobre tradução de poesia, o livro documenta o diálogo entre o poeta mexicano e seu amigo e tradutor brasileiro, por meio de cartas que expunham dúvidas e discutiam soluções acerca de um poema que, já em seu título, encerra uma polissemia inexistente em português: *blanco*, em português do Brasil, significa apenas a cor, nunca o alvo. A escolha do tradutor, portanto, já implicaria uma perda para o leitor brasileiro. Recuperar partes deste texto, não apenas como exemplo da complexidade do trabalho, mas também dos resultados que o diálogo frutífero entre autor e tradutor podem resultar, talvez constituam um bom exemplo analítico, prático e ético.

No caso da tradução pedagógica, esta é considerada mais uma ferramenta didática com diferentes possibilidades para o ensino da línguas. É também uma atividade que permite analisar elementos culturais ou linguísticos, além de demonstrar na prática como inserir-se no mercado de trabalho. Assim por exemplo, a pesquisa que todo ato de traduzir requer acaba servindo não apenas de documentação, mas também de aprendizagem sobre a língua e a cultura metas.

2. Duas experiências e dois objetivos com o ensino de Tradução na UFSM e na UGR.

Ao longo dos vinte e cinco anos do curso de Espanhol da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tenho me dedicado a preparar professores para atuar em escolas, sejam elas públicas ou privadas, além de cursos livres de Língua Espanhola. Não obstante alguns destes alunos demonstram-se motivados desde o início pela Tradução, ou desenvolvem o interesse por esta área ao longo do curso. Pensando neles, elaboramos o projeto para traduzir de português para espanhol relatos infantis do escritor brasileiro Erico Verissimo. O objetivo foi introduzir os alunos na prática da tradução literária e analisar as possíveis técnicas que se podem aplicar neste processo para conseguir como resultado um texto literário. Considerando que o autor e a obra já são bastante conhecidos do público brasileiro, as maiores dificuldades apareceram no processo de versão propriamente dito, isto é, no nível de conhecimento linguístico dos alunos.

Na UFSM, o relato escolhido para ser vertido para o Espanhol foi *A vida do elefante Basílio* (que passou a se chamar *La vida del elefante Basílio*). Nele, conta-se a história de um elefantinho oriundo da Arca de Noé que se perde de sua manada e, depois de muito sofrer, vai parar em um circo, que vem ao Rio de Janeiro. Na capital carioca, o circo pega fogo e Basílio salva um menino chamado Gilberto. A família de Gilberto, agradecida, adota o elefante, amando-o e acolhendo-o como um membro mais. Basílio ganha um quarto com tudo o que há de mais confortável. Um dos objetos que recebe para seu quarto é um rádio. Ao acompanhar a programação radiofônica, Basílio faz ginástica, tentando emagrecer. Durante o processo de tradução, o objeto rádio chamou a atenção: embora as pessoas ainda ouçam rádio, atualmente isso se faz por meio de aparelhos com tecnologia mais avançada. Assim, cogitamos atualizar o objeto.

Uma das etapas mais importantes da pesquisa aconteceu quando tivemos a oportunidade de visitar os herdeiros do autor. Viajamos, então, a Porto Alegre, a aproximadamente 400km de Santa Maria, para apresentar-lhes a pesquisa. Ali, fomos recebidas – eu mesma e uma de minhas orientandas de pesquisa – por seus filhos, Clarissa Verissimo Jaffe (1935) e o reconhecido escritor Luis Fernando Verissimo (1936). Graças à intermediação da professora e pesquisadora Maria da Glória Bordini, que se dedica incansavelmente ao estudo da obra de Verissimo, tivemos a oportunidade ímpar de estar em contato com o ambiente em que Erico escrevia: sua mesa de trabalho, seus livros, sua poltrona e de discutir o projeto com os herdeiros do autor. Imbuídos daquela atmosfera, aproveitamos para conversar sobre a obra e o autor, bem como trocar ideias sobre alguns de nossos questionamentos.

Comentei então sobre nossa dúvida em relação ao rádio. Perguntei o que a família pensava sobre fazer uma adaptação, já que hoje em dia as crianças têm acesso a outras tecnologias e que o rádio é um objeto às vezes inexistentes nas casas. A família Verissimo, atualizada com o universo infantil – muito próxima da sala onde nos reunimos estava a bisneta de Erico Verissimo, assistindo TV – concordou com a atualização. Assim, substituí o *rádio* por *celular*⁶, acreditando que não tenha havido aí nenhuma perda significativa para a recepção da obra na atualidade.

Muitas palavras e/ou expressões utilizadas por Verissimo, que são de uso absolutamente corrente no Português do sul do Brasil, revelaram-se obstáculos no processo de versão e demandaram muita pesquisa. Outras tantas são oriundas da linguagem oral e necessitaram, uma vez mais, adaptação. Uma delas, precisou, também, um pouco de liberdade tradutória: uma das características do Elefante Basílio era a inteligência, por isso, aprendera rapidamente o Português, segundo nos conta o narrador. Contudo, sua aprendizagem ainda encontrava alguns empecilhos. Um de seus sonhos era ser uma borboleta, porque desejava muito voar (por isso tentava emagrecer). Certa vez, falando de seus sonhos com Gilberto, Basílio confessou querer ser uma “barboleta”. A troca intencional de vogais é não apenas uma maneira de demonstrar que o elefantinho ainda não tinha aprendido totalmente o Português, mas também de reproduzir a linguagem oral do Português falado no sul do país. Havia, portanto, que encontrar uma maneira de expressar o

⁶ Telemóvel, em Portugal. Móvil, na Espanha.

mesmo em Espanhol. A solução encontrada foi “meriposa”, que de maneira análoga causa estranhamento no leitor espanhol.

A experiência de poder falar com a família Verissimo, pode-se dizer, foi transformadora. Não apenas no sentido de que incentivou os discentes ante o contato com a literatura viva, mas também porque de certa maneira a humanizou. É como se de fato o autor e a obra saíssem da prateleira e viessem conversar com o leitor/tradutor:

Ao adentrar nos encantos daquela casa, que abriga tanta história, deparei-me com a sala em que escrevia Erico Verissimo. Pensei: como isso é possível? Jamais imaginei entrar naquela casa e conhecer o Luís Fernando e, além dele, conhecer a Clarissa... eu devia estar sonhando. Realmente parecia um sonho se materializando na minha frente. Mil perguntas passavam pela minha mente, mas mal consegui pensar em uma. Então perguntei sobre a fotografia em preto e branco sobre a escrivanhina: Erico e o gato preto. Gentilmente, Luis Fernando me explicou que gato passou bem na hora que tiraram a fotografia. A poltrona vermelha, no canto, próxima à lareira, me fazia imaginar como o Erico, imortalizado naquela sala, criava suas histórias.⁷

A experiência possibilitou aos alunos da UFSM o contato com textos clássicos da literatura infanto-juvenil brasileira, agora pela vertente da Tradução, identificando parâmetros do processo de tradução de referências culturais. Já os discentes da UGR tiveram a oportunidade de conhecer um novo autor e algumas de suas obras, além de adquirir conhecimentos linguísticos específicos da língua portuguesa do Brasil. A leitura e tradução do conto *Outra vez os três porquinhos pobres* serviu, então, de base para analisar e comentar aspectos relevantes, próprios do Português do Brasil, bem como de seus elementos culturais.

Devido à proximidade geográfica da Espanha com Portugal, e do sul do Brasil com os países do Prata, os dois grupos puderam ampliar seus repertórios linguísticos e culturais. Ambos os grupos tiveram também a possibilidade – em diferentes medidas – de interagir ativamente no processo de tradução, que inclui pesquisa, documentação, seleção, escolhas vocabulares e discussão dessas escolhas.

⁷ Depoimento da discente Ana Paula Cabrera, que acompanhou a visita à família Verissimo e atualmente é doutoranda no PPGL/UFSM.

2.1. Autor e obra

O gaúcho Erico Verissimo foi um dos mais importantes escritores do século XX no Brasil. Além de eminente romancista, Verissimo também pode ser considerado o mais importante escritor de obras infantis da literatura do Rio Grande do Sul no século XX, embora a sua obra infantil e juvenil não tenha recebido o reconhecimento merecido por parte do mercado editorial brasileiro e por conseguinte pela crítica literária.

Reunida e publicada pela primeira vez em 1956, sob o título de *Gente e Bichos*, a obra está composta de relatos que marcaram gerações de pequenos leitores brasileiros: *As aventuras do avião vermelho* (1935), *Os três porquinhos pobres* (1936), *Rosa Maria no castelo encantado* (1936), *O-urso-com-música-na-barriga* (1938), *A vida do elefante Basílio* (1939) e *Outra vez os três porquinhos* (1939).

O relato escolhido para ser traduzido na UGR foi *Outra vez os três porquinhos*. É o último relato de *Gente e Bichos*, além de ser a continuação de *Os três porquinhos pobres*. Trata-se de uma narrativa que conta a história de três irmãos que moram no quintal da casa da Menina do Chapéu Verde, para onde fugiram por medo de virarem comida no Natal. Com a proximidade do novo Natal, a ameaça ressurgiu. Depois de aconselharem-se com a lua, decidem aventurar-se pelo mundo.

A escolha do relato se deu pelo fato de considerarmos que, pela estrutura narrativa e a temática da história, trata-se de um conto que tem potencial para elaborar exercícios práticos de tradução e analisar possíveis problemas derivados deste processo. Além disso, também é capaz de provocar reflexões um pouco mais aprofundadas sobre a literatura de Erico Verissimo e analisar o vocabulário específico do Português do Brasil e alguns elementos culturais. Com isso, planejamos desenvolver a competência linguística dos estudantes de PLE. Tal metodologia une, por meio da prática tradutória, duas outras importantes disciplinas para a formação de tradutores: a Língua e a Literatura.

3. A tradução pedagógica como atividade didática na UGR

Um dos propósitos na UGR foi dar a conhecer um autor da Literatura Brasileira e transmitir entusiasmo aos alunos que nunca tinham ouvido falar de Verissimo. Como para a maioria deles talvez o sul do Brasil nunca tenha sido objeto de estudo, fazer isso foi um grande

desafio. Contudo, quem sabe essa proposta tenha rompido, de alguma maneira, com as expectativas dos discentes, que provavelmente teriam mais interesse em estudar um autor mais conhecido da Língua Portuguesa. Entretanto, nossa prática docente nos faz crer que trabalhar com as margens da Literatura, dando visibilidade a autores que se encontram “esquecidos” do público e da crítica é de suma importância. Traduzir a obra infantil de Verissimo, neste contexto, é dar voz a uma parte de sua produção literária por ora silenciada no Brasil. Apresentá-la a um novo público – mesmo que se trate em um mero exercício em sala de aula –, via tradução, torna-se ainda mais relevante portanto.

Face ao exposto, o planejamento da atividade de tradução pedagógica começou, como é aconselhável, pela leitura atenta do texto, acompanhada de uma análise prévia. Com a intenção de identificar elementos suscetíveis a serem objeto de estudo na sala de aula de Língua Estrangeira, partimos de um exercício de tradução que pretendia levar ao conhecimento mais aprofundado da Língua Portuguesa do Brasil e, por conseguinte, da cultura brasileira, por meio de sua Literatura. Esta primeira leitura poderia apontar direções metodológicas importantes, tais como o estabelecimento de critérios que norteariam o trabalho. Por exemplo: elementos léxicos, culturais, morfológicos, sintáticos ou pragmáticos que seriam tratados na sala de aula. Não parecia ser uma tarefa simples, como de fato não foi, mas a complexidade é uma das principais características do trabalho tradutor.

Assim sendo, ao traduzir o conto *Outra vez os três porquinhos* centramos nossa análise em uma categoria de fundamental importância: os elementos culturais. Pareceu-nos que, ao abordá-los, poderíamos dar conta de uma variada gama de saberes, de forma integrada. Os elementos culturais, segundo os parâmetros propostos por Moya (1993), Franco-Aixelá (2013) e Igareda (2019), foram desdobrados de acordo com a sua relevância no texto. Além disso, mereceram maior destaque quando supuseram novos conhecimentos para a aprendizagem das especificidades do Português do Brasil.

4.O processo tradutório de *Outra vez os três porquinhos*

Antes de começar a tradução propriamente dita, os alunos precisaram enfrentar, como já salientamos, os desafios de compreender o texto literário e perceber suas nuances, para além da evidente intertextualidade que ele propõe. Uma leitura atenta inicial do texto permitiu estabelecer a estratégia de tradução e revelou alguns dos

problemas como, por exemplo: traduzir ou não os nomes próprios? O que fazer diante de elementos característicos da língua e da cultura de partida que não se encontram na língua e na cultura de chegada? Tais decisões foram tomadas tendo em vista, sobretudo, o público-alvo. Tudo isso faz parte do cotidiano de um tradutor literário, que precisa mergulhar corajosamente na obra a ser traduzida. E ele deve fazer isso, de preferência, também com muito entusiasmo. Caso contrário, talvez não consiga alcançar seu objetivo.

Outra vez os três porquinhos é um relato que apresenta uma série de novidades em relação à temática, aparentemente simples, além de uma grande dificuldade de tradução. É uma narrativa que se constitui da relação com outros textos: em primeiro lugar, estabelece relação direta com a fábula *Os três porquinhos*, de origem anônima e popularizada pelo filme de Walt Disney (1933). Em seguida, relaciona-se com o relato anterior da obra de Verissimo, *Os três porquinhos pobres*. E, em seu interior, refere-se explicitamente ao clássico de Alexandre Dumas, *Os três mosqueteiros* (1844). Além disso, na própria narrativa, aparece o Elefante Basílio, ele mesmo protagonista de outro relato da mesma obra.

Estas características do conto albergam algumas implicações estilísticas e textuais que o tradutor deve conhecer para poder adotar as decisões tradutórias adequadas, tais como a tradução de referências culturais. Nesse sentido, decidimos dar especial atenção ao universo social e à cultura material, segundo as proposições de Igareda (2011) e Franco Aixelá (2013).

4.1. Tradução de referências culturais

Há muitas implicações que fazem do processo tradutório um grande desafio, como já dissemos anteriormente. Tal fato se deve às inúmeras interlocuções que a tradução estabelece, que vão muito além da mera necessidade de conhecer um par de línguas. A maioria delas diz respeito a questões de ordem cultural e histórico-linguísticas que, ao fim e ao cabo, fizeram avançar os estudos teóricos:

Traduzir é, acima de tudo, um processo complexo de reescrita que, ao longo da história, tem se mostrado presente em várias situações teóricas e práticas conflitantes. (...) Se há uma coisa que se pode afirmar sem nenhuma dúvida sobre tradução é a sua historicidade, que caminha junto à noção de linguagem e à noção do outro que

cada comunidade linguística tem tido ao longo de sua existência.
(Franco-Aixelá 2013: 2)

Outro aspecto interessante, não apenas quando se pensa em Tradução Pedagógica, mas também no processo intrínseco de pesquisa que o trabalho encerra, é a tradução das referências culturais. Este é um dos assuntos mais complexos e discutidos nas pesquisas sobre análise da tradução. A partir das reflexões do próprio Franco-Aixelá (publicadas em inglês em 1996)⁸, outros autores vêm discutindo e aprofundando a questão:

Si se sostiene que la lengua es un reflejo de la cultura, cuando se traduce se está realizando una comparación intercultural, es decir, se están comparando lenguas, culturas y sociedades y, por lo tanto, es necesario conocer en profundidad los aspectos socioculturales tanto de la cultura del texto original como los de la cultura del texto meta. (...) Por lo tanto, las referencias culturales son el reflejo, en la lengua, de la visión del mundo de una cultura. Hacen alusión a elementos relacionados con la cultura, el estilo de vida, las costumbres, la política, la gastronomía, el arte, etc. Pueden ser de muchos tipos: nombres propios, de instituciones, comidas o bebidas, medidas, profesiones, etc., como se mencionará más adelante (Igarada, 2011: 14-15)

Igarada (2011: 20-21) propõe uma série de categorias, por meio das quais se podem analisar os referentes culturais e que tendem a servir de critérios para a tomada de decisão ao longo do processo tradutório. De acordo com o proposto pela pesquisadora, duas categorias parecem ser especialmente relevantes para a tradução de Outra vez os três porquinhos para o Espanhol peninsular: universo social e cultura material.

Por universo social, a autora compreende:

1. condições e hábitos sociais,
2. geografia cultural,
3. transporte,
4. edifícios,
5. nomes próprios,
6. linguagem coloquial, socioletos, idioletos, insultos,

⁸ O texto utilizado neste trabalho é uma tradução publicada tardiamente no Brasil.

7. expressões,
8. costumes,
9. organização do tempo.

Já em cultura material, a autora abarca as seguintes subcategorias:

1. alimentação,
2. indumentária,
3. cosmética,
4. tempo livre,
5. objetos materiais,
6. tecnologias,
7. moedas e medidas,
8. medicina.

Partindo de tais categorias, selecionamos, para nossa análise, em Universo Social, as subcategorias os nomes próprios e a organização do tempo. Em Cultura Material, escolhemos a subcategoria alimentação e tempo livre. De tal modo, pensamos poder oferecer uma visão panorâmica da cultura brasileira para os alunos de Português da Universidade de Granada.

4.2. Universo social: nomes próprios e organização do tempo

Não existe uma regra geral para a tradução dos nomes próprios nem de pessoas reais nem de personagens irrealis ou literárias. Assim, relativamente à tradução de personagens de ficção, Moya (1993: 239) afirmava que a decisão de traduzir, adaptar ou transcrever estes nomes está proporcionalmente relacionada com a carga simbólica do nome: “Si tuviéramos que establecer una fórmula translatoria de nombres propios de ficción de cara al alumno, se podría decir que la mayor carga simbólica del signo del nombre mayor es la obligación de traducirlo.” (Moya, 1993: 239)

No caso do relato que traduzimos, os protagonistas interagem com uma série de outros personagens. Alguns deles têm nomes curiosos, enquanto outros são retirados da literatura universal. Se optássemos por não traduzir os nomes, deste modo, talvez provocássemos uma dificuldade extra para o leitor da língua meta: perceber ou identificar

implicações ou sentidos metafóricos facilmente perceptíveis para o leitor do texto de partida.

Percebendo este panorama, ponderamos sobre as possíveis opções para traduzir os nomes Sabugo, Salsicha e Linguicinha, com os quais Verissimo denominou seus heróis. Embora sejam nomes tipicamente brasileiros, eles não correspondem aos tradicionais Cícero, Heitor e Prático, que são os nomes pelos quais os irmãos ficaram conhecidos no Brasil, a partir da fábula recolhida da cultura popular e, posteriormente, do filme de Walt Disney.

A dúvida, então, se resumia em deixar os nomes em Português, fazer uma tradução literal ou fazer uma adaptação? Considerando que nosso público é formado de jovens e crianças, a adaptação pareceu a saída mais legítima. Assim, os porquinhos passaram a chamar-se Salchichón, Pinchito e Panceta, respectivamente. Com os nomes dos três mosqueteiros, não tivemos problemas, uma vez que são praticamente os mesmos em Espanhol e Português. Com os demais nomes, criados pela mente inventiva de Verissimo, tivemos dificuldades específicas que nos levaram a tomar decisões inusitadas.

No relato, há duas personagens que se chamam Vaca Fria e Gato Pingado. São duas personagens que aparecem quando os irmãos saem pelo mundo em busca de aventura, já decididos a serem mosqueteiros. Numa de suas primeiras peripécias, encontram-se com a Vaca Fria que, aborrecida, conta-lhes que perdeu o sono e está em busca dele. Segundo ela, seu sono é uma criatura preta, peluda e que ronca. Os porquinhos, então, decidem ajudá-la. Encontram-se a seguir com uma figura que se parece à descrição feita pela Vaca. Mas não se trata do sono perdido, e sim do Gato Pingado que, no fim das contas, acaba por tornar-se amigo do trio e se soma ao grupo, fazendo as vezes de D'artagnan.

Estes são dois casos *sui generis* de tradução: expressões idiomáticas de uso totalmente coloquial no Português do Brasil e, portanto, como era de se imaginar, de fácil compreensão: “gato pingado”, no Português do Brasil, significa um número reduzido de pessoas, presentes a uma reunião ou a uma festa, por exemplo. Seu correspondente em espanhol seria “cuatro gatos”. Já “vaca fria”, por sua vez, é usada quando se necessita ou se quer voltar a um tema antes deixado de lado, geralmente negativo. “Voltemos à vaca fria”, dizemos, quando já não há maneira de escapar de um tema espinhoso.

A estas expressões, denomino, de acordo com Monteiro-Plantin (2012: 33), não mais expressões idiomáticas, mas sim “unidades fraseológicas”: “(...) unidades linguísticas que constituem (...) sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina cristalizadas proverbiais, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações.” Esta opção se dá porque, ainda de acordo com a pesquisadora brasileira (idem: 37) “as unidades fraseológicas, por sua vez, seriam aquelas em que o grau de coesão é absoluto”.

Além de um desafio, o trabalho com a fraseologia pode representar, na sala de aula, uma oportunidade extra de aprendizagem e conhecimento. As dificuldades específicas de cada unidade fraseológica (UF, daqui por diante), nestes casos, podem converter-se em oportunidades ímpares de aprendizagem da língua estrangeira, conforme assevera García Benito (2019: 215-216)

Obviamente se trata de fragmentos del texto especialmente complicados, ya que contienen, por ejemplo, recursos expresivos característicos del registro coloquial oral o bien unidades fraseológicas de diferentes tipos. Conscientes de la complejidad que conlleva la traducción de las unidades fraseológicas, creemos necesario un trabajo explícito con la fraseología en la clase de LE (...). En nuestra opinión, una aproximación posible a la fraseología puede hacerse a través de la traducción, ya que para el estudiante de LE es tan interesante traducir como constatar la intraducibilidad⁹ de algunas palabras o expresiones de fuerte arraigo histórico, cultural. En este sentido, la traducción de la fraseología puede demostrar las asimetrías que existen entre las lenguas y el hecho de que no siempre se podrán encontrar equivalencias unívocas satisfactorias.

Assim sendo, seria relativamente fácil encontrar-lhes equivalentes em Espanhol. Contudo, a novidade é que o autor, num ato de engenho próprio da criatividade literária que lhe é peculiar, simplesmente retira o aspecto conotativo das referidas expressões e atribui-lhes apenas a denotação. O desafio, portanto, não passa por encontrar UFs equivalentes no sentido conotativo em Espanhol, como era de supor. Ao contrário, o critério de tradução passa a ser encontrar nomes de animais que sejam populares para os pequenos leitores

⁹ Assim, questões como a intraduzibilidade – outro tema espinhoso – pode ser levantada, a partir de exemplos práticos. E, mais do que isso, pode ser questionada, a partir da determinação dos critérios teórico-metodológicos que nortearão a tradução. Sob tal ponto de vista, será possível tomar as decisões que o trabalho exige.

espanhóis que desacomodem o senso comum, característica do uso das UFs.

As melhores opções encontradas foram Gato Pardo (em referência à UF “cuando oscurece todos los gatos son pardos”) e Vaca Flaca (em referência à UF “tiempo de vacas flacas”). Retiradas de seus respectivos contextos conotativos, estas UFs poderão causar a mesma estranheza que causam Gato Pingado e Vaca Fria no leitor brasileiro.

Ainda nesta mesma categoria, é importante observar uma grande diferença em relação à organização do tempo: antes de sair em busca de aventuras pelo mundo, os porquinhos viviam no quintal da casa da Menina do Chapéu Verde. O narrador refere-se à rotina dos três irmãos naquele período: “Quando chegava o domingo, iam à missa e se portavam muito bem. Ao meio-dia papavam um bom almoço. Depois iam dormir a sesta à sombra da figueira.”. Nossa tradução considerou novamente o receptor final, ou seja, o jovem leitor: “Los domingos iban a la misa y se portaban muy bien. A las dos se jalaban con una exquisita comida. Enseguida, iban a dormir la siesta bajo la sombra de la higuera.”

Esta solução se deve a várias reflexões, tais como o fato de que ir à missa aos domingos também é um costume brasileiro, assim como dormir a sesta. No mesmo sentido, as figueiras também são árvores bastante comuns, e dormir à sua sombra é de fato uma possibilidade, sobretudo nos ambientes rurais. Entretanto, manter o almoço ao meio-dia requereria uma explicação, talvez em nota. Como nosso público-alvo não é adulto, ainda que a LIJ admita com muita frequência o duplo destinatário (o adulto que lê para a criança), procuramos evitar esse tipo de solução tradutória e optamos, quando não houvesse prejuízo no processo comunicativo, pela adaptação. Portanto, neste caso, os porquinhos passaram a almoçar às duas horas da tarde, de acordo com o horário espanhol.

4.3. Cultura material: alimentação e tempo livre (festas)

Em alguns momentos específicos da narrativa, a cultura brasileira aparece com algum destaque. Determinados casos provocam dificuldades tradutórias que demandam decisões importantes. Outras, no entanto, são de fácil tradução, pois são manifestações culturais que já se popularizaram quase como uma marca do que é conhecido do Brasil no exterior.

O primeiro deles é uma referência explícita ao carnaval, compreendido aqui como festa popular e, portanto, inserido na

categoria “tempo livre”. Embora a festa não tenha as mesmas características na Espanha do que no Brasil, este é um termo que pode ser mantido sem nenhum tipo de preocupação, senão os que se referem a evitar a reprodução de estereótipos. Mas, como aparece no contexto em que os porquinhos, acompanhados do Gato Pingado, vão à casa de uma raposa que vende e aluga fantasias de carnaval, essa preocupação deixa de existir. Não há nenhum tipo de menção ao carnaval como festa profana, por exemplo. Os heróis apenas mostram para a raposa as figuras do livro de Alexandre Dumas e encontram as roupas que estão procurando. Saem felizes e deixam igualmente feliz a astuta raposa, que faz um ótimo negócio com a venda.

Em seguida, há referências a comidas e bebidas típicas brasileiras: *cachaça*, *cuca* e *rapadura*. Estas sim precisaram ser traduzidas, porque talvez não sejam muito conhecidas pelos leitores. Assim, propusemos a tradução de *cachaça* por *aguardiente*, embora reconheçamos que não se trata de uma equivalência absoluta. Sempre tendo em vista a finalidade da nossa tradução, esta parece ser uma solução adequada e, inclusive, ir além dela, pensando em uma bebida mais específica da Espanha, seria avançar a uma etapa de adaptação desnecessária.

De todas, talvez a *cuca* seja aquela que apresenta maior complexidade de tradução, posto que é uma comida muito típica. É muito popular no Rio Grande do Sul, onde nasceu o autor, mas é quase desconhecida no restante do Brasil. Trata-se de uma variedade entre um bolo, um pão e uma torta que pode ser feito de várias maneiras, mas, que é, fundamentalmente, doce. No sul do país, ela é conhecida por dois tipos básicos: *cuca italiana* e *cuca alemã*¹⁰, segundo a receita seguida e a sua origem. A primeira é feita com massa de pão e coberta com uma mistura de farinha e açúcar. A segunda é preparada com uma massa um pouco mais pesada, que a deixa achatada, e é coberta com chimia¹¹ de frutas ou com requeijão.

A *rapadura*, por outro lado, é algo muito típico e popular no Brasil. Feita fundamentalmente de mel de cana e amendoim, pode também ser preparada com leite condensado e amendoim ou ainda com

¹⁰ O estado do Rio Grande do Sul foi colonizado, a partir da Primeira Guerra Mundial, por europeus, sobretudo alemães e italianos, o que até hoje influi muito em sua cultura e, por conseguinte, em sua alimentação.

¹¹ Adaptação do vocábulo alemão *Schmier*, como sinônimo de geléia (marmelada, em Espanhol peninsular).

leite condensado, chocolate e amendoim. Trata-se sempre de um doce de consistência dura que tem amendoim em sua composição. A adaptação por turrón não corresponde, apenas aproxima, sobretudo em relação ao fato de que se trata de um doce cuja composição é à base de amendoim. Há, também, a possibilidade de elaborar uma paráfrase, uma vez que em alguns estabelecimentos comerciais espanhóis, como por exemplo supermercados e padarias, são encontrados doces muito parecidos esteticamente à rapadura, que são chamados de “palanqueta de cacahuete”.

O campo semântico da alimentação, via de regra, costuma apresentar grandes dificuldades tradutórias. Não apenas porque se refere aos costumes de uma determinada cultura, mas porque esta está ligado a uma série de fatores de nem sempre são considerados relevantes para a tradução. A economia da região de que se fala (contexto de produção da obra) tem papel determinante na sua culinária, uma vez que seu tipo de solo determina o que pode e o que não pode ser cultivado ali. Logo, produtos abundantes em uma região podem ser completamente incomuns ou desconhecidos de um país para o outro¹². O azeite de oliva e o grão de bico, por exemplo, tão populares na Espanha, são artigos pouco usados na culinária brasileira. Às vezes essas diferenças precisam ser explicadas, segundo o público-alvo. Em outras, apenas necessitam adaptação. No caso desta tradução, uma alternativa extra seria elaborar, ao final da tradução, um glossário com imagens que pudesse esclarecer os aspectos mais específicos do processo tradutório.

Considerações finais

Este trabalho, além da pesquisa pedagógica, exigiu muito cuidado com as peculiaridades do contexto de recepção das traduções: o público infantil, que demanda uma série de detalhes diferentes do público adulto. Mas, como se tratava apenas de um exercício em sala de aula, não nos preocupamos com a publicação dos trabalhos, embora isso não seja inviável. Caso houvesse a possibilidade de fazê-lo, seria importante cogitar, por exemplo, a elaboração de um glossário ao final da obra, ou ainda de uma apresentação ao início.

¹² Neste caso, poderíamos voltar nosso olhar para outra das categorias propostas por Igareda (2019), “geografia cultural”, inserida em Universo Social.

Estes dois paratextos – que não obrigatoriamente precisariam aparecer em conjunto – serviriam não apenas para convidar o pequeno leitor à leitura, mas também para esclarecer que ele está diante de um texto originado em um contexto dessemelhante do seu, escrito em uma língua que não é a sua. Além disso, seriam o espaço que daria voz ao tradutor, explicitando sua existência entre os contextos de produção e recepção da obra. Também seria o espaço ideal para declarar aspectos relevantes sobre os critérios de tradução, que diferenciam as culturas e as línguas de partida e de chegada.

Estas reflexões são parte de uma etapa posterior, que teria como fio condutor temas como edição e direitos autorais, elementos que ainda não estavam em nosso horizonte quando planejamos as atividades. No entanto, tais aspectos também precisam ser considerados sob um ponto de vista teórico-reflexivo, tendo em vista a futura inserção dos alunos no mercado de trabalho, tanto no Brasil quanto na Espanha. Na prática, quase nenhuma tradução é feita por mero deleite, ou seja, nenhum tradutor começa um trabalho sem ter em vista uma editora, ou ter sido contratado por ela. Esta, por sua vez, já costuma ter negociados os direitos autorais da obra. Tal fato precisa ser deixado claro para os alunos: ainda que seja desejável tornar público o trabalho, isso somente será possível se todas as normas da cadeia comunicacional forem respeitadas.

No nosso caso, precisaríamos negociar os direitos de autor com os herdeiros de Verissimo e encontrar editoras interessadas em publicar as narrativas. Uma publicação bilíngue e ilustrada, ainda que cara, representaria a coroação de todo o trabalho. Mas, como já referimos, trata-se de uma etapa posterior. No que se refere à tradução pedagógica e o ensino de PLE por meio da prática tradutória, cremos ter cumprido nosso objetivo, tanto na UFSM como na UGR.

A partir da análise apresentada neste artigo podemos concluir que o processo de trabalho e/ou a metodologia na sala de aula, tendo como componente um exercício de tradução, varia consideravelmente se o objetivo é desenvolver a competência tradutora ou se o objetivo é desenvolver a competência linguística e/ou literária do estudante. No ensino da tradução literária, o aprendiz deverá adquirir conhecimentos técnicos e tradutológicos para poder encarar o processo de tradução. A leitura crítica para identificar o estilo do autor torna o desafio ainda maior e mais complexo.

No entanto, tal complexidade pode fazer dele um trabalho ainda mais interessante. Saber conduzir-se a partir da dúvida talvez seja um dos maiores frutos do trabalho do tradutor. Aquele que se aferra à ilusão das certezas plenas, geralmente não floresce como tradutor. É preciso entender, já de início, que a tradução é o terreno fértil da dúvida e saber que a diferença é constitutiva e positiva tornam a atividade mais próxima do real. Da mesma forma, compreende-se que o mundo é diverso e que o papel do tradutor, ante essa diversidade, é abrir ainda mais o espaço para o diálogo entre culturas, povos, línguas e sujeitos: "(...) a essência da tradução é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação ou não é nada." (Berman, 2002: 17)

Já no caso da tradução pedagógica, o exercício de tradução é uma oportunidade a mais de aprender a Língua Estrangeira: pode também dar espaço à ampliação dos conhecimentos culturais relativos à Língua Portuguesa, especificamente falando. Tanto na Espanha quanto no Brasil, este objetivo parece ter sido alcançado, uma vez que despertou o interesse dos discentes, provocando curiosidades acerca da literatura brasileira, do autor e, por conseguinte, da obra.

Finalmente, o processo tradutório evidenciou também algumas diferenças. A principal delas diz respeito às condições de pesquisa: na UGR existe vasta tradição nos estudos de tradução, enquanto na UFSM há apenas um projeto de pesquisa e uma disciplina optativa e genérica. A oportunidade de reunir estes dois cenários em de atividade mesma natureza certamente acarretou ganhos para ambos os lados do Atlântico: traduzindo percebemos o quanto precisamos conhecer. Além de um par de línguas e suas respectivas culturas, conforme tão bem assevera Pintado (2012: 338), citando as contribuições de De Arriba García (1996a y 1996b): "la traducción pedagógica es un medio para enseñar la LE, porque está a caballo entre la lingüística, la traductología y la didáctica de una L2.", também é necessário saber olhar para o outro com tolerância e igualdade. Nesse sentido, traduzir e ensinar a traduzir podem ser consideradas atividades semelhantes encaradas sob perspectivas diferentes, mas que muito podem, em sua totalidade, ser encaradas como complementares e, assim, contribuir positivamente para a formação de futuros tradutores.

Bibliografia

Antunes, Benedito (1991): "Notas sobre a tradução literária", *Alfa*, v. 35, São Paulo, pp. 1-10.

- Berman, Antoine (2002): *A prova do estrangeiro*, Bauru, EDUSC, 2002.
- Carvalho, Tania Franco (2003): *O próprio e o alheio: ensaios de Literatura Comparada*, São Leopoldo, Editora Unisinos.
- García Benito, Ana Belén (2019): "Vuelta a escena de la traducción en la enseñanza de lenguas extranjeras: experiencia en PLE", *Hermēneus. Revista de Traducción e Interpretación*, 21, pp.197-234.
- Franco-Aixelá, Javier (2013): "Itens Culturais-Específicos em Tradução", *In-Traduções*, v. 5, n. 8, pp. 185-218.
- Igareda, Paula (2011): "Categorización temática del análisis cultural: una propuesta para la traducción", *Íkala, revista de lenguaje y cultura*, 16 (27), pp.11-32.
- Monteiro-Plantin, Rosemeire Selma (2012): *Fraseologia. Era uma vez um Patinho Feio no Ensino de Língua Materna*, Fortaleza: UFC.
- Moya, Virgilio (1993): "Nombres propios: su traducción", *Revista de Filología de la Universidad de la Laguna*, 12, pp. 233-247.
- Paz, Octavio e Campos, Haroldo (1994): *Transblanco*, São Paulo, Siciliano.
- Pintado Gutiérrez, Lucía (2012): "Fundamentos de la Traducción Pedagógica: Traducción, Pedagogía y Comunicación", *Sendebarr* 23, pp.321 - 353.
- Sabio Pinilla, José Antonio (2017): "¿Por qué es útil la teoría de la traducción para traductores?", *Conexão Letras*, 17, pp. 137-151.
- Veríssimo, Erico (1987): *Gente e bichos*, Porto Alegre, Globo.